

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO

Anna Karolina Osório Pimentel¹, Luciana Aparecida Farias².

Mestranda do Curso Análise Ambiental Integrada, annakarolina.op1995@gmail.com

Professora Associada do Departamento de Ciências Ambientais, luciana.farias@unifesp.br

RESUMO

Estudos vêm revelando que dentre as atividades de extensão realizadas nas universidades, que já são mínimas quando comparadas às atividades de pesquisa, os projetos de extensão com a temática socioambiental são ainda mais incipientes, o que é preocupante, haja vista que esta problemática é uma questão presente e bastante atual. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi refletir a respeito das possibilidades e desafios de um projeto de extensão com a temática socioambiental a partir de um estudo de caso. A pesquisa foi realizada com 24 adolescentes (8ª série/9º ano do ensino fundamental e idade média de 14 anos) de uma escola da rede pública de ensino, em um contexto de vulnerabilidade socioambiental, no bairro Montanhão no município de São Bernardo do Campo. Foi possível constatar que uma prática extensionista de educação ambiental pode favorecer uma reflexão mais crítica em relação ao meio ambiente e a questão socioambiental. Contudo, para uma maior efetividade, é necessário um trabalho contínuo.

Palavras-chave: Percepção Ambiental; Educação Ambiental crítica; Extensão.

ABSTRACT

Studies have shown that among the academic extension activities carried out at universities, which are minimal when compared to research activities, extension projects with the social and environmental issue are even more incipient, which is worrying, given that this problem is quite current. In this sense, the aim of the present study was to reflect on the possibilities and challenges of an extension project with the social and environmental issue in a case study. The research was conducted with 24 students (8th grade/9th grade of elementary school and average age of 14 years) from a public school, in a context of social and environmental vulnerability, in the Montanhão neighborhood of São Bernardo do Campo district. It was found that an extension practice of environmental education may favor a more critical reflection on the environment and socio-environmental issue, but for greater effectiveness, continuous work is needed.

Keywords: Environmental Perception; Critical Environmental Education; Extension

INTRODUÇÃO

O ensino superior no Brasil, conforme legislação, é composto pelo ensino, pesquisa e extensão, que são considerados os pilares norteadores do desenvolvimento e disseminação de conhecimentos científicos para a sociedade. Entretanto se tem estabelecido como senso comum que academicamente o ensino e a pesquisa são os elementos mais valorizados, enquanto a extensão universitária é o eixo mais subestimado e desvalorizado desse tripé acadêmico (RODRIGUES et al., 2004). Ainda que a ideia da curriculização da extensão universitária tenha por objetivo contribuir para mudar essa realidade.

Por outro lado, a extensão universitária demonstra o potencial de integrar os três pilares acadêmicos, além de aproximar a universidade da sociedade, pois esta se fundamenta, além dos aspectos teóricos, também no desenvolvimento prático e obtenção de resultados, contemplando as-

pectos altamente valorizados no ensino e na pesquisa, além de cumprir sua função que é formalmente descrita no Plano Nacional de Extensão Universitária, como “uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará na sociedade a oportunidade da *práxis* de um conhecimento acadêmico” (FORPROEX, 2001, p.5), além de favorecer as transformações sociais. Em 2012, o FORPROEX amplia essa concepção de extensão destacando também como diretrizes importantes a interdisciplinaridade e interprofissionalidade e a indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão.

Todavia, o baixo investimento neste campo, tanto financeiro, quanto de interesse, representa uma dificuldade na percepção da importância das práticas extensionistas, principalmente quando se pensa a problemática socioambiental, a partir da qual, o relacionamento entre o ser humano e o meio ambiente é refletido (RODRIGUES et al., 2004). Atualmente, isso é particularmente preocupante, pois estudos reforçam a necessidade de mudança nas atitudes e comportamento da sociedade em relação ao seu meio, haja vista que os inúmeros impactos ambientais são advindos de atividades antrópicas e que a extensão universitária pode auxiliar como percurso metodológico de conexão e difusão de saberes no apoio à conservação e preservação do meio ambiente (GEHLEN et al., 2014).

Dentro desse contexto, o presente trabalho teve por objetivo refletir a respeito das possibilidades e desafios da extensão universitária e a prática de uma educação ambiental a partir de um estudo de caso, de forma a contribuir na construção de conhecimento na área e no estímulo a novas iniciativas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ser humano está constantemente interagindo com o seu entorno, seja conscientemente com o objetivo de atender às suas necessidades ou mesmo de forma inconsciente. Nesse sentido, estudos de percepção ambiental objetivam de uma forma geral, favorecer «uma tomada de consciência do ambiente pelo ser humano», ou seja, como este percebe o ambiente em que está inserido, de forma a proporcionar reflexões e prática que possibilitem esse indivíduo a proteger e cuidar melhor do meio ambiente. Pois, segundo Morin (2006) é fundamental que os envolvidos se sintam capazes de efetuar alguma ação concreta no sentido de transformação, tomando consciência sobre o próprio entorno e das questões socioambientais envolvidas.

A percepção individual e coletiva gera estímulos diferentes em cada indivíduo, este, por sua vez, é capaz de revelar qual a relação que cada sujeito possui com o meio ambiente, envolvendo suas satisfações, insatisfações, condutas, opiniões, entre outros (PEDRINI et al., 2010). Porém, a partir do momento em que a percepção ambiental é compartilhada, ela pode

chegar a constituir uma representação social dentro de um determinado grupo social, sendo que Reigota (2007) descreve este fenômeno como um conjunto de princípios desenvolvido interativamente por meio da compreensão e interpretação, capaz de transformar e moldar a realidade. E ao se considerar essa dimensão, a questão socioambiental passa a ser analisada de forma mais integrada, pois busca refletir também a respeito de como os sujeitos representam e se apropriam da natureza com base nos conhecimentos construídos em sua trajetória de desenvolvimento, viabilizando o “saber ambiental”, o qual, segundo Leff (2004), deveria propor a transdisciplinaridade e questionar a compartimentalização do conhecimento.

Dentro dessa perspectiva, estas reflexões se aproximam da presente proposta no sentido que esta, além de aproximar a universidade do seu entorno socioambiental por meio de um trabalho extensionista, em parceria com uma escola da rede pública de ensino, também promoveu uma reflexão a respeito da efetividade ou não de um projeto de extensão na promoção da percepção ambiental, e ressignificação de uma possível representação naturalista a respeito de meio ambiente. Sendo que o presente estudo pretendeu responder à seguinte questão de investigação: pode um trabalho extensionista na área socioambiental contribuir de forma significativa na percepção ambiental de jovens em vulnerabilidade socioambiental em relação ao seu entorno? Os autores acreditam que as percepções do seu entorno, quando internalizadas por um determinado sujeito, principalmente porque estas estão embasadas na cultura e história pessoais, podem refletir em atitudes e sentimentos ligados à percepção ambiental e conseqüentemente, na forma como se dará o relacionamento com este entorno, fator determinante no estabelecimento de uma nova consciência ambiental, bem como no direcionamento dos projetos de educação ambiental a serem desenvolvidos (LOUGHLAND et al., 2002).

Neste sentido, como o foco era avaliar as possíveis modificações na percepção ambiental dos estudantes, foram realizadas cinco oficinas intituladas “Reflexões sobre Bananas e Bananeiras”, de maneira a sensibilizar e trazer uma proposta de reflexão sobre o entorno socioambiental em que os estudantes estavam inseridos. Estas atividades foram elaboradas a partir do projeto de extensão Consumo Responsável, do grupo Quimicando com a Ciência e o tema “banana” foi escolhido pelo grupo por ser um alimento facilmente encontrado no cotidiano dos adolescentes e parte da paisagem do entorno da escola por meio da presença de inúmeras bananeiras, sendo que as atividades foram desenvolvidas com um intervalo de duas semanas entre cada oficina, totalizando um período de dois meses e meio.

O referencial teórico norteador da proposta foi a Educação Ambiental Crítica que objetiva pensar

a educação ambiental também como uma prática social e, que, portanto, vincula os processos ecológicos aos sociais na compreensão dos impactos antrópicos (LOUREIRO, 2007). E também o trabalho de TUAN (1983), que objetiva refletir a respeito dos sentimentos topofílicos desenvolvidos ou não entre os seres humanos e o seu entorno.

METODOLOGIA

A abordagem adotada para a investigação foi uma abordagem qualitativa e quantitativa, utilizando dois questionários estruturados, inicial e final e o método do desenho (KESBY, 2005). Sendo que os mesmos foram analisados conforme preconizado por Pedrini et al. (2010), os quais utilizam a identificação da presença ou ausência de elementos socioambientais denominados macrocompartimentos (natural, artificial e abstrato), para verificar se o sujeito estudado percebe seu meio e suas inter-relações de dependência, e posteriormente classificados para as representações de meio ambiente seguindo as três concepções de Reigota, (2007) a visão naturalista na qual o conceito de natureza é priorizado, e a presença ou intervenção do ser humano apresenta um caráter negativo; a visão antropocêntrica cujo ambiente é reconhecido e utilizado apenas como uma fonte de recursos; e a visão globalizante, onde é possível observar relações equilibradas entre o ser humano e o meio ambiente (REIGOTA, 2007).

A pesquisa foi realizada em 2018, com 24 adolescentes (8ª série/9º ano do ensino fundamental e idade média de 14 anos) de uma escola da rede pública de ensino, em um contexto de vulnerabilidade socioambiental, no bairro Montanhão no município de São Bernardo do Campo. O município apresenta uma população estimada em 816.925 habitantes, em uma área de 409,532 km², altamente populosa e dividida em zona urbana e rural, mas com altos índices de urbanização, o que indica potenciais espaços sujeitos à vulnerabilidade ambiental, assim como esse bairro, que é considerado uma zona periférica, composta por espaços verdes e mananciais legalmente classificados como zonas de proteção, mas com aproximadamente 12.088 habitantes residentes em ocupações irregulares (IBGE, 2015).

A escola onde se desenvolveu a proposta, se caracteriza como um importante ponto de referência para o bairro, em decorrência da baixa quantidade de estabelecimentos públicos de ensino na localidade, bem como pela sua proximidade com um fragmento de floresta ombrófila densa, mas altamente impactada, com depósitos e descartes inadequados de resíduos sólidos, extensões de solo exposto e ocupações irregulares, indicando um cenário condizente com estigmas de marginalização, nos quais os indivíduos se encontram distantes do centro da cidade, e conseqüentemente, têm menos acesso a atividades sociais e culturais, assim como estão mais

próximos ao setor industrial, mas desprovidos de serviços e infraestrutura básicos em decorrência da ilegalidade dos loteamentos (MANZATTI et al., 2016; IBGE, 2015; ITAKAWA, 2008; ALVES, 2005).

Durante o primeiro encontro, após a aplicação do questionário inicial, foi conduzida uma dinâmica com os participantes que objetivou a trabalhar a sensibilidade e percepção ambiental do grupo, estimulando novos olhares e provocando reflexões a respeito do entorno socioambiental da escola. Para esta atividade, optou-se por discutir sobre como esses indivíduos enxergavam o seu cotidiano e o que chamava a atenção em relação ao lugar em que viviam. Os materiais utilizados consistiram em recortes de fotos, desenhos e notícias de revistas e jornais, uma cartolina e cola bastão.

Para o segundo encontro, foram desenvolvidos especificamente para esta ação, materiais expositivos e lúdicos com o objetivo de aprofundar o conhecimento desde a origem da banana, bem como os aspectos biológicos como por exemplo a classificação botânica e usos da banana. O material didático preparado reunia uma mescla de conhecimentos históricos, culturais e científicos (Figura 1).



Figura 1. Material lúdico desenvolvido para o segundo encontro. **[A]** jogo da memória tratando dos diferentes tipos de banana. **[B]** jogo que abordava conhecimentos a respeito das bananas, como por exemplo, história, aspectos culturais e biológicos. Fonte: própria autora.

O terceiro encontro teve como objetivo tratar e discutir os benefícios à saúde e aplicações científicas e do cotidiano a respeito da banana e a bananeira. O desenvolvimento da atividade deste dia contou com o uso da bula interativa, material lúdico desenvolvido no formato de um corpo humano e adesivado com suas principais características biológicas e uma bula impressa com todas as informações relevantes ao tema, dividido em duas partes: os benefícios da banana e banana e a ciência.

No quarto encontro realizou-se a trilha perceptiva e seu desenvolvimento incluiu uma caminhada pelo entorno da escola. O caminho percorrido foi previamente definido de forma que os participantes durante a caminhada pudessem refletir a respeito das questões socioambientais da região, já que para Tuan (1983, p.83) “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”, ou seja, quando é percebido e valorizado, tendo um sentido para o indivíduo, pois lugar é mais concreto que espaço

(TUAN, 1983). Ao longo do caminho os jovens foram incentivados a identificar e mencionar cada vez que avistassem uma bananeira, assim como avaliar situações de risco envolvendo a presença da mesma como em regiões de encosta (Figura 2).



Figura 2. Fotos de trechos percorridos durante a trilha perceptiva, de forma que os participantes pudessem perceber e refletir a respeito do entorno socioambiental da escola.

No quinto e último encontro foi promovida uma reflexão final a respeito de tudo o que foi discutido anteriormente. O formato adotado foi menos formal e mais espontâneo, além de oferecer aos participantes alimentos derivados da banana e bananeira. Por fim, ocorreu a aplicação do questionário final e o encerramento da intervenção.

Foram aplicados dois questionários, o inicial continha perguntas de identificação e contextualização do participante, como por exemplo nome e idade, e se morava ou não na região ou entorno da escola. E buscava também compreender o que os participantes entendiam por educação ambiental, além de investigar a percepção ambiental por meio do desenho. O questionário final também continha essas perguntas, mas foi ampliado com outras questões, como por exemplo, se haviam gostado das intervenções ou não, quais gostaram mais, bem como se elas ajudaram na mudança ou não da percepção ambiental do entorno socioambiental da escola.

RESULTADOS E ANÁLISES

Questionário Inicial

Conforme destacado no item anterior, uma das perguntas presente no questionário inicial dizia respeito ao conhecimento dos participantes em relação à educação ambiental. A maioria dos estudantes elaborou respostas que remetiam ao cuidado e à preservação do meio ambiente, conforme exemplos a seguir:

“É um modo de preservar a natureza, não prejudicando (BCSB)”; “Educação ambiental é cuidar da natureza (GPS)”; “É quando você respeita e cuida do meio

ambiente (RFS)”; “É a educação que ensina a preservar o planeta e a cuidar melhor da natureza (ROL)”.

Desta forma, foi possível constatar a partir das respostas obtidas, que os jovens relacionavam educação ambiental a um espaço natural de maneira vaga, e que os termos natureza, meio ambiente e consciência eram muito presentes em seus discursos. Entretanto, pode-se ressaltar a ausência de referências ao entorno e dos seus próprios papéis sociais como contribuintes para preservação/conservação e educação acerca do meio. Observou-se também que os discursos utilizados se aproximavam bastante do ‘modelo comportamentalista de educação ambiental, no qual não se desenvolve complexa análise crítica ou motivações para as responsabilidades de suas ações. Situação que pode ser reflexo de uma fragmentação de saberes, o que se caracteriza como uma adversidade ao entendimento e resoluções de questões socioambientais (PHILIPPI JR., 2000).

Em relação à análise dos desenhos obtidos durante o desenvolvimento inicial desta pesquisa, foi possível observar que o macrocompartmento principal apresentado pelos jovens foi o natural, com 53%; seguido por 45%, do artificial; e 2%, do abstrato. Entretanto, após uma análise completa da composição dos desenhos, foi possível constatar que a maioria mesclava os macrocompartmentos natural e artificial, de forma condizente com a experiência vivida pelos participantes, expressando as condições do seu entorno, apresentando uma natureza sujeita ao ser humano (Figura 3).

A partir dos macrocompartmentos foram derivados os macroelementos que resultaram em seis tipos de compartimentos, possibilitando a análise da representatividade de cada item, indicando maior representatividade dos compartimentos aquático, terrestre, urbano e flora, reflexo compatível com o local em que os participantes se situam, já que esta composição expressa algumas condições socioambientais que a região possui, como as ocupações irregulares e as áreas de proteção e recuperação dos mananciais (OLIVEIRA, 2005)

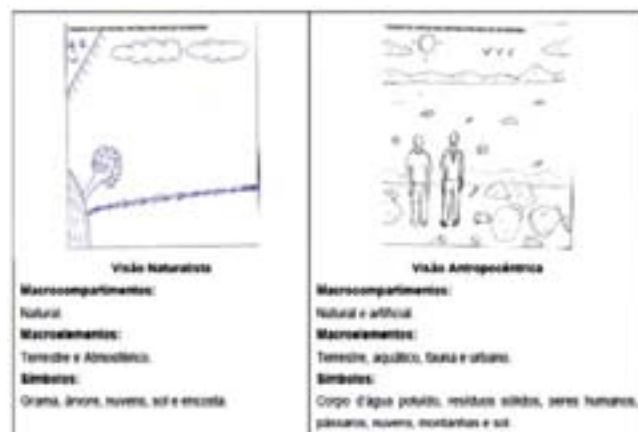


Figura 3. Exemplos de desenhos e classificações realizadas.

De uma forma geral, as respostas e os desenhos evidenciaram o predomínio de uma visão naturalista em relação ao meio ambiente, segundo classificação de Reigota (2007).

Alguns outros autores que desenvolveram propostas semelhantes utilizando desenhos, como Pedrini (2010), apresentaram alguns resultados semelhantes aos obtidos no presente estudo, como o predomínio dos macrocompartimentos naturais e pequenas variâncias entre os macroelementos, assim como no caso representação naturalista de meio ambiente, que pode ser explicada pelo provável histórico de educação ambiental comportamentalista. Rua et al. (2015) também defenderam o uso do desenho como fundamental para evidenciar as formas de pensar e agir sobre o meio ambiente, considerando a influência desta compreensão em comportamentos cotidianos.

Questionário Final

Neste questionário também foi solicitado aos participantes que definissem educação ambiental com o objetivo de avaliar o desenvolvimento ou não do entendimento a respeito do tema segundo uma visão mais crítica. A seguir, alguns exemplos de respostas:

“É a consciência que nossas ações têm impacto no meio ambiente (GSC)”.

“Educação ambiental é quando se adquire conhecimento sobre o meio ambiente, e quando você se propõe a fazer seu papel no meio ambiente para melhoria dele (SRM)”.

“É aprender coisas, e querer praticar para ajudar o meio ambiente (RARO)”.

Foi possível constatar a partir das respostas, que ocorreu um amadurecimento ou maior reflexão entre os participantes a respeito do que seria educação ambiental, aproximando-se do objetivo do presente trabalho, que era desenvolver, a partir de uma prática extensionista, uma educação ambiental crítica, favorecendo o desenvolvimento de um novo “saber ambiental”, onde o sujeito adquire habilidade de reconhecer, refletir e agir, possibilitando a ocorrência de uma ação/intervenção mais responsável e favorável ao meio ambiente.

Os desenhos produzidos para o questionário final mantiveram o macrocompartimento natural (56%) como um dos mais representados, seguido pelo macrocompartimento artificial (42%) e abstrato (2%), com o predomínio de uma visão ainda naturalista de meio ambiente.

Estes resultados evidenciaram que as atividades desenvolvidas, apesar de favorecerem a reflexão a respeito da questão socioambiental por meio da constatação da incorporação de elementos de representação que antes não estavam presentes, ainda não foram suficientes para que estes sujeitos ressignificassem a própria visão de meio ambiente, evidenciando que para uma ressignificação significativa, haveria a necessidade de um trabalho contínuo.

Os resultados desta pesquisa foram semelhantes aos obtidos por outros autores (FARIAS, 2017; MATOS, 2009 e PEDRINI, 2010), que realizaram suas pesquisas em cidades como Cuiabá (MT), Rio de Janeiro (RJ), São Bernardo do Campo (SP) e Diadema (SP). O que também levanta algumas questões para reflexão: como vem sendo trabalhada a educação ambiental nas escolas públicas brasileiras? Quais estratégias ou políticas públicas, além das já existentes, são necessárias para que, de fato, seja possível promover a mudança de paradigmas que distanciam o ser humano do meio ambiente?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os objetivos da presente proposta, buscou-se avaliar o conhecimento dos jovens sobre educação ambiental, bem como uma prática extensionista de educação ambiental poderia contribuir ou não no amadurecimento crítico a respeito do tema e uma visão menos naturalista e ingênua em relação ao meio ambiente. Os resultados iniciais obtidos evidenciaram a elaboração de frases prontas oriundas do senso comum, enquanto que no final do processo, os jovens responderam a mesma pergunta evidenciando um raciocínio mais crítico em relação ao tema.

Contudo, ainda que uma prática extensionista de educação ambiental crítica tenha favorecido uma maior reflexão entre os participantes, ao final do processo uma visão naturalista e ingênua de meio ambiente ainda predominou, evidenciando que práticas desse tipo precisam ter continuidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, H. P. F. **Vulnerabilidade Socioambiental na Metrôpole Paulistana: uma análise das situações de sobreposição espacial de problemas e riscos sociais e ambientais.** Anais do XI Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2005.

FARIAS, L. A., SILVA, J.A., COLAGRANDE, E.A., ARROIO, A. **Opposite shores: a case study of environmental perception and social representations of public school teachers in Brazil.** International Research in Geographical and Environmental Education, v. 2046, n. 1, p. 1-13, 2017.

FORPROEX, **Plano Nacional de Extensão Universitária.** Coleção Extensão Universitária. Ilhéus: Editus, 2001.

GEHLEN, V. R. F., BARBOSA, C.L., CAMBOIN, J. F., BRGA, L. O. **Responsabilidade Social em Extensão Universitária, na Área de Meio Ambiente: Dever ou Possibilidade?** Anais do XVI Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiental, 2014, São Paulo. São Paulo, 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades: São Bernardo do Campo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

ITAKAWA, V. K. **Mananciais e Urbanização**: recuperação ambiental na sub-Bacia Billings. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

KESBY, M. **Rethorizing Empowerment-Through-Participation as a Performance in Space**: Beyond Tyranny to Transformation. Signs, 2005.

LEFF, E. **As Aventuras da Epistemologia Ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo de saberes – Ideias Sustentáveis. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LOUGHLAND, T., REID, A. PETOCZ, P. **Young Peoples Conceptions Of Environment**: a phenomenographic analysis. Environmental Education Research, 2002.

LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental crítica: contribuições e desafios**. In: Mello, S.; Trajber, R.. (Org.). Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental. Brasília: MEC/UNESCO, v. 1, p. 65-73, 2007.

MANZATTI, L. **Proposta para Criação das Unidades de Conservação na Região do Riacho Grande**. Relatório Eletrônico Disponível em: <http://fflorestal.sp.gov.br/criacao-de-unidades-de-conservacao-em-sao-bernado-do-campo/>. Acesso em: 02/08/2019.

MATOS, L. F. **Percepção ambiental de estudantes de uma escola da região central de Cuiabá - MT**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2009.

MORIN, E. **O Método 1**: a Natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2006.

OLIVEIRA, S.K.S. **Percepção da Educação Ambiental e Meio Ambiente no Ensino Fundamental**: olhares em Porto do Mangue/RN. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, 2005.

PEDRINI, A. G., COSTA, É. A., GHILARDI, N. **Percepção Ambiental de Crianças e Pré-Adolescentes em Vulnerabilidade Social para Projetos de Educação Ambiental**. Revista Ciência & Educação, Bauru, v. 16, n. 1, p. 163 – 179, 2010.

PHILIPPI JR, A. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000.

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e Representação Social**. 7ª Edição. São Paulo: Cortez, 2007.

RODRIGUES, A. R. **A Extensão Universitária: Indicadores de Qualidade para Avaliação de sua Prática**: estudo de caso em um centro universitário privado. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004, Belo Horizonte, 2004.

RUA, M.B., PEDRINI, A. G., BERNARDES, L., MARIANO, D. **Percepção do Ambiente Marinho por Crianças no Rio de Janeiro, Brasil**. Revista de Biociências, v. 21, n.1, 2015.

TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.